



ISSN: 2230-9926

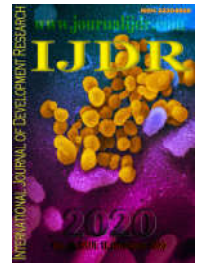
Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 11, pp. 41946-41952, November, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.20409.11.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

VIOLENCE AND MASCULINITY: STRATEGIES FOR SENSITIZATION AND PREVENTION AGAINST VIOLENCE IN THE MALE POPULATION

*Renata Gomes Soares, José Maria Viana dos Santos, Francisco Norberto Moreira da Silva and Muna Muhammad Odeh

Shin CA 02 BL. L LT. 15 AP. 101 - Lago Norte – DF, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 29th August, 2020

Received in revised form

06th September, 2020

Accepted 14th October, 2020

Published online 24th November, 2020

Key Words:

Fatores socioculturais,
Violência precisam,
Longitudinal perpassando.

*Corresponding author:

Renata Gomes Soares

ABSTRACT

Este artigo busca compreender as interfaces do referencial de gênero com as estratégias de prevenção de violência masculina propostas por estudos realizados no campo da saúde no Brasil. Trata-se de uma revisão integrativa abrangendo o período entre 2009 e 2018, por meio de 14 artigos com abordagem qualitativa enfocando estudos empíricos que apresentaram ações e propostas relativo ao tema da violência na população masculina brasileira. Os resultados apontaram que fatores socioculturais do que é ser homem, como a masculinidade é construída de maneira longitudinal perpassando os ciclos de vida é o que repercute em comportamentos de risco que levam os homens a situações de violência tanto como autor ou vítima. Neste sentido, estratégias de prevenção a violência precisam estar atentas para compreensão do como os homens constroem a sua relação com o cuidado de si e com os outros. O estudo conclui que os parâmetros históricos, econômicos e socioculturais que demarcam as relações de gênero no Brasil estão diretamente relacionados a violência na população masculina. Com base nisso, estratégias que abordam a violência precisam englobar ações de prevenção assim como propostas de sensibilização em particular de profissionais de saúde, para garantir a construção do exercício de múltiplas formas de expressar a masculinidade, minimizando sua vinculação a situações de risco.

Copyright © 2020, Renata Gomes Soares et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Renata Gomes Soares, José Maria Viana dos Santos, Francisco Norberto Moreira da Silva and Muna Muhammad Odeh, 2020. "Violence and masculinity: strategies for sensitization and prevention against violence in the male Population", *International Journal of Development Research*, 10, (11), 41946-41952.

INTRODUCTION

A Política Nacional de Atenção Integral de Saúde do Homem (Pnaish), instituída pela Portaria 1.944 de 27 de agosto de 2009, que consta no Anexo XII da Portaria de Consolidação GM/MS nº 2, de 28 de setembro de 2017, visou trabalhar com as questões relacionais de gênero com foco na promoção e prevenção à saúde e tem como um dos cinco eixos prioritários de trabalho a Prevenção de violências e acidentes na população masculina. A Pnaish enfoca na população masculina com faixa etária de 20 a 59 anos, o que abarca atualmente 55 milhões de pessoas da população, idade em que os homens estão mais vulneráveis à violência, sendo essa a maior causa de mortalidade, evidenciada no sistema de informação do DATASUS/MS. No Brasil, a maior causa de mortalidade masculina são as doenças relacionadas ao aparelho circulatório (Brasil, 2018). Na segunda posição aparecem as causas externas, definidas como traumatismos,

lesões ou quaisquer outros agravos à saúde – intencionais ou não – de início súbito e como consequência imediata de violência ou outra causa exógena. Neste grupo, incluem-se as lesões provocadas por eventos no transporte, homicídios, agressões, quedas, afogamentos, envenenamentos, suicídios, queimaduras, lesões por deslizamento ou enchente, e outras ocorrências provocadas por circunstâncias ambientais, conforme a CID-10 – Classificação Internacional de Doenças. Na faixa etária de 20 a 59 anos a maior causa de mortalidade masculina no Brasil são as causas externas (Brasil, 2018). Ao identificar a violência como um problema grave de saúde pública evidencia-se que esse tema ainda precisa ser muito trabalhado em todas as esferas. A violência é uma questão que abrange diversas variáveis e é um determinante social de uma série de agravos à saúde, e impacta de modo diferenciado os diversos grupos sociais, em especial quando analisamos as diferenças entre homens e mulheres na vivência de situações de violência. A temática da violência provoca fortes questionamentos nas várias disciplinas que a abordam.

Primeiramente, pela dificuldade de definição. Responder à pergunta “o que é violência?” Leva a pensar nas suas várias formas de expressão, encontradas tanto nas guerras e conflitos étnicos, na violência urbana dos assaltos e homicídios quanto na violência doméstica contra mulheres, crianças e idosos (Schraiber et al., 2006). A violência é, portanto, um termo polissêmico que refere-se a um conjunto grande de situações diversas e suas expressões concretas aparecem nos mais variados espaços sociais. Minayo busca uma definição, afirmando que a violência é um caminho extremado para a resolução de conflitos, “... em contraposição, à tolerância e ao diálogo” (Minayo, 1994, p.8). Pode-se afirmar que a violência ocorre em relações nas quais não existem interações: o diálogo e a linguagem estão distantes ou impossibilitados de ser acessados e compartilhados (Schraiber et al., 2005b). Muitos atos de violência mantêm-se invisíveis aos olhos da sociedade, devido à naturalização de práticas de dominação e opressão que fazem parte da estrutura de organizações e instituições sociais (Minayo, 1994). Essa constatação oferece ainda mais relevância aos estudos sobre violência, uma vez que eles dão visibilidade a certas formas de agressão, abusos ou negligência que vão muito além dos assaltos e homicídios, e também ocorrem no cotidiano das pessoas de maneira despercebida ou banalizada. A violência afeta os grupos sociais de maneira diferenciada, assim como são diferentes os modos pelos quais mulheres e homens vivenciam situações de violência. Estudos comprovam que os homens se envolvem muito mais em atos de violência do que mulheres. Para Tjaden e Thoennes (1998), os agressores são do sexo masculino em mais de 80% das situações, seja em atos de violência contra mulheres (93,4%) ou em atos de violência contra outros homens (85,9%). Ainda a esse respeito, Soares Filho et al. (2007, p.9) afirmam que “... o risco de óbito por homicídio no Brasil em 2003 foi de 28 por 100 mil habitantes, sendo 12 vezes maior entre homens (53/100 mil) do que entre mulheres (4/100 mil)”.

É conhecido que os homens sofrem mais violências no espaço público por desconhecidos e/ou amigos (Schraiber et al., 2012) enquanto mulheres as sofrem mais no ambiente doméstico por parceiros íntimos ou familiares (Schraiber et al. 2005). Com isso, torna-se indispensável que as situações de violência sejam estudadas sob a perspectiva relacional de gênero. Diante disso, é necessário se entender o que é gênero. Joan Scott (1995) definiu gênero “como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”. Na construção das identidades de gênero, não apenas as mulheres aprendem a ser femininas e submissas, sendo controladas nisto, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade. Masculinidade é constituída socialmente por alguns estereótipos. Na construção de gênero, as masculinidades são submetidas a lógicas hegemônicas do que é ser um homem com “H”, assim muitos homens assumem riscos que interferem em suas condições de saúde a fim de tornarem aceitáveis suas performances sociais. Gênero constitui uma ferramenta muito importante para a análise da tríade Homens, Violência e Saúde. Afinal, é visto “... como um fator de grande importância na caracterização dos padrões de morbimortalidade masculina” (Figueiredo, 2005, p.107). A aquisição de atributos masculinos se caracteriza por processos violentos, em várias sociedades. Criados de forma que reafirme a sua masculinidade, leva-se em consideração que a violência tem um papel fundante da própria masculinidade (Nascimento et al. 2009). Para Connell (1995), masculinidade é “ao mesmo tempo um lugar nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres

se engajam para ocupar esse lugar e os efeitos dessas práticas nas experiências corporais, na personalidade e na cultural” (p. 71). A discussão de gênero, em relação às questões da masculinidade e dos papéis sociais dos homens na sociedade e na própria família, é indispensável quando o tema é violência. A forma como os homens se veem no mundo está diretamente ligada ao exercício da violência como forma de autoafirmação (Nascimento et al. 2009). Entende-se que o exercício da violência como forma rudimentar de resolução de conflitos (Minayo, MCS., Assis, SG., and Njane, K, 2011) opõe-se às possibilidades de diálogo e de cuidado de si e de outrem. Neste sentido, uma dimensão promissora é a relação de cuidado que o homem possui com si e com os outros, pois entende-se que a partir disto estaria mobilizando dinâmicas socioeconômicas e culturais que interrogam sobre as raízes de práticas de violência e as abordagens possíveis para sua prevenção. As práticas de violência no universo masculino estão refletidas nos dados do último ano consolidado disponível no Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM, que são extremamente preocupantes onde persistem os altos índices de mortalidade em específico entre homens jovens. Vale ressaltar que as causas externas ocupam tal importância na mortalidade masculina há cerca de duas décadas, enquanto entre as mulheres este grupo é a quinta causa de mortalidade. A situação torna-se ainda mais complexa quando analisados os dados relativos à mortalidade por causas externas de pessoas do sexo masculino, pois constata-se que as agressões são a principal causa externa de morte nesse público. Em segundo lugar no ranking vêm os acidentes de trânsito (Brasil, 2018).

A violência medeia a relação dos homens com sua própria saúde em dois grandes contextos situacionais: de um lado, nas relações de sociabilidade entre homens, que adquirem conformações extremamente perversas e nas quais o recurso à violência se justifica e se banaliza; de outro lado, na esfera doméstica, espaço das relações afetivo-sexuais, em que a assimetria de poder e a dominação do polo masculino se expressam em atos violentos contra as(os) parceiras(as). Para ambas as situações mencionadas, a abordagem de gênero deve ser buscada. Assim, seja no contexto mais doméstico ou não, a compreensão explicativa da violência deve ser situada no fato de que ela tem um enraizamento profundo na construção de sua identidade social para os homens, considerando-se o referente de masculinidade hegemônica socialmente construído. A prática da violência é, então, reforçada no processo de socialização dos homens, podendo ser considerada como um elemento fundante dessa formação identitária (Schraiber et al., 2005a), requerendo ao longo da vida uma reafirmação cotidiana, em termos de reiteração de masculinidade. Percebe-se que as brigas de rua, assim como as várias formas de dominação sobre as parceiras íntimas dão legitimidade à masculinidade, tanto no plano das práticas – enquanto ocorrências – quanto no plano simbólico – enquanto narrativas. Pode-se dizer que há uma naturalização dos padrões de comportamento agressivo dos homens, sendo, muitas vezes, justificados por razões biológicas e fisiológicas. Assim, baseados na revisão de diversos estudos socioantropológicos, (Schraiber et al. 2005a, p. 13) afirmam que há “...um ‘ethos’ masculino que associa violência à própria construção da masculinidade”. O fato de a violência ocupar um lugar crítico na análise do perfil da saúde do homem nos remete a questão do exercício da masculinidade, que tem sido associado a gênese e a perpetração de práticas violentas nas sociedades globalmente. Em relação aos espaços

onde os homens vivenciam as diversas formas de violência, Harwell et al. (2000) afirmam que apenas 13% das situações de violência física sofridas por homens ocorrem no ambiente doméstico, enquanto 87% ocorrem no espaço público, com inversão em relação à violência sofrida pelas mulheres, as quais vivenciam mais episódios de violência dentro de casa do que na rua. Apesar disso, Reed et al. (2009) afirmam que há inter-relações entre as vivências de episódios de violência na rua e dentro de casa. Schraiber (2012) disse que em uma de suas pesquisas com os homens, “Na percepção de terem sido violentos na vida, independentemente de indicarem contra quem o teriam sido, observamos padrão similar de resposta, com 69,6% não considerando terem sido violentos e 30,4% afirmando terem sido violentos”. Esta breve contextualização da questão de violência no âmbito da população masculina brasileira sob enfoque de gênero objetivou sublinhar a relevância de se trabalhar ações de sensibilização e de prevenção partindo de uma abordagem de saúde pública. Isto implica em múltiplas abordagens como por exemplo: ações intersetoriais; mobilização em nível comunitária; a elaboração de dinâmicas preventivas individuais e em nível coletivo; o fortalecimento das políticas públicas em nível do cotidiano (no sentido de Norma para a Prática). A violência como fenômeno sócio histórico, político e econômico no Brasil tem ocupado um espaço amplo tanto nos registros oficiais de dados como nas pesquisas e nas produções científicas. São estas as bases nos quais este artigo se fundamenta para melhor compreensão deste fenômeno, para em seguida nos subsidiar na formulação de propostas de prevenção capazes de responder a situação crítica da violência entre a população masculina no Brasil. Com isso, o objetivo desse artigo é compreender como o processo de violência na população masculina se apresenta nas discussões da saúde, para assim nos dar subsídios que nos ajudarão na prática do cuidado e da prevenção desse agravo.

METODOLOGIA

Este artigo propõe-se a realizar uma revisão integrativa, com a finalidade de sintetizar resultados obtidos a fim de aprofundar o referencial teórico-conceitual sobre violência e masculinidade no campo da saúde, de maneira sistemática, ordenada e abrangente. Foi realizada revisão integrativa da literatura por meio de artigos selecionados com abordagens qualitativas com enfoque em estudos de campo, trazendo experiências reais de ações estratégicas com a população masculina trabalhando o tema da violência, permitindo assim somar dados teóricos e empíricos proporcionando um conhecimento maior sobre a temática em questão. Ao trabalhar a revisão integrativa para elaboração do artigo foram definidas as seguintes etapas: Estabelecimento do problema; Seleção da amostra, após a definição dos critérios inclusos e excluídos; Caracterização dos estudos; Análise dos resultados; Apresentação e discussão dos achados. Para a realização da revisão, utilizou-se a Scientific Electronic Library Online (SciELO) e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), considerando-se as publicações em língua portuguesa, entre janeiro de 2009 a dezembro de 2018. A determinação desse período se deu devido ao ano de 2009 ter sido o ano que a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (Pnaish) foi instituída. Partimos do pressuposto de que uma nova Política Nacional comumente resulta num interesse em pesquisar o tema e aprofundar o conhecimento sobre intervenções e experiências empíricas relacionadas. Ademais, tendo considerado o intervalo de quase uma década (2009-2018) apostamos na garantia de uma revisão mais robusta.

A busca de literatura realizou-se durante o período de outubro de 2018 a novembro de 2018. E, como descritores, foram utilizados “violência” AND “gênero” AND “homem”. As produções científicas analisadas foram provenientes de artigos originais. O local de produção ficou restrito à Saúde Pública, ambiental e ocupacional e Políticas e Serviços de Saúde. Teve como questão principal da busca a seguinte pergunta: Quais as estratégias de prevenção da violência implementadas e relatadas na literatura no tocante da população masculina considerando aspectos de gênero no Brasil?

Os critérios de inclusão: (1) Estudos realizados no Brasil de 2009 a 2018; (2). Produzidos em português; (3). Que tratam da violência e aspectos da masculinidade; (4). Utilizando o método de pesquisa qualitativa, realizada em campo. E os critérios de exclusão: (a) Estudos quantitativos; (b) Publicações referentes a revisão bibliográfica; (c) Estudos realizados fora do período delimitado.

Como a violência é um tema com múltiplas dimensões socioculturais, a pesquisa qualitativa favorece uma compreensão mais aprofundada das formas nas quais está se manifesta e se estabelece, como é perpetuada e quais ações tem sido propostas na literatura no âmbito da prevenção. Tendo esses aspectos contemplados a revisão integrativa desta forma, propicia um conjunto de evidências empíricas abrangendo um leque de cenários geográficos e de locais de prática suficientes para nortear a questão de pesquisa aqui levantada.

Fontes e área de conhecimento -publicação das produções científicas sobre violência e homem na saúde: Dos 36 artigos pesquisados nas bases mencionadas, foram analisados 13, sendo estes compatíveis com os critérios estabelecidos (ver Figura 1). Os artigos analisados são produções de destaque em revistas da área de saúde coletiva, saúde pública, psicologia e de enfermagem. Observou-se que por mais que a saúde pública tenha reconhecido o tema da violência como de interesse e cuidado da saúde, ainda falta evidenciar este interesse nas publicações acadêmicas principalmente quando o foco é a prevenção na população masculina no campo da saúde (ver tabela 1).

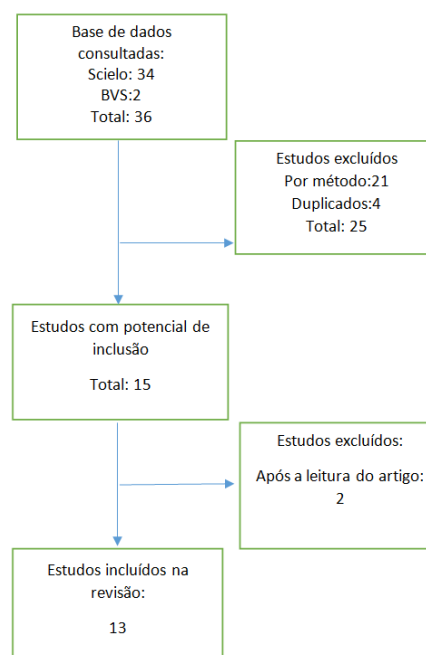


Figura 1. Processo de delimitação de artigos

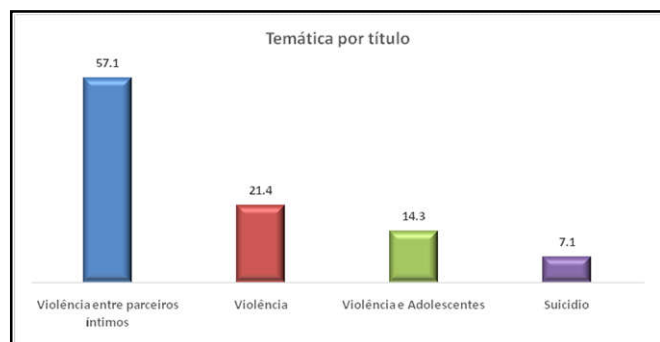
Tabela 1. Características dos estudos incluídos na revisão de literature

Autor (as)	Título	País e Ano	Revista	Tipo de estudo
Alves, Rejane Aparecida et al .	Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana.	Brasil 2012	Interface (Botucatu)	Estudo qualitativo
Billand, Jan; Paiva, Vera Silvia Facciolla	Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?	Brasil 2017	Ciência Saúde Coletiva	Estudo etnográfico
Brilhante, Aline Veras Morais; Nations, Marilyn Kay; Catrib, Ana Maria Fontenelle.	“Taca cachaça que ela libera”: violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil	Brasil 2018	Caderno Saúde Pública	Estudo qualitativo
Costa, Marta Cocco da; Lopes, Marta Julia Marques; Soares, Joannie dos Santos Fachinelli.	Violence against rural women: gender and health actions	Brasil 2015	Escola Anna Nery	Estudo qualitativo
Deeke, Leila Platt et al .	A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro.	Brasil 2009	Saúde e Sociedade	Estudo descritivo-exploratória com abordagem qualitativa
Maria Rosa, Edinete et al.	A violência que atinge adolescentes e jovens de uma região do Espírito Santo	Brasil 2017	Psicologia Argumento	Estudo qualitativo
Nascimento, Elaine Ferreira do; Gomes, Romeu; Rebello, Lúcia Emilia Figueiredo de Souza.	Violência é coisa de homem? A “naturalização” da violência nas falas de homens jovens.	Brasil 2009	Ciência Saúde Coletiva	Estudo qualitativo
Nascimento, Fernanda Sardelich; Cordeiro, Rosineide de Lourdes Meira.	Violência no namoro para jovens moradores de Recife.	Brasil 2011	Psicologia & Sociedade	Estudo qualitativo
Paixão, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al	A experiência de prisão preventiva por violência conjugal: o discurso de homens.	Brasil 2018	Texto Contexto Enfermagem	Estudo qualitativo, exploratório-descritivo
Pimenta, Melissa.Mattos	Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade	Brasil 2014	Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social	Estudo qualitativo
Sant’anna, Tatiana Camargo; Penso, Maria Aparecida.	A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal.	Brasil 2017	Psicologia: Teoria e Pesquisa	Estudo qualitativo
Santos, Welson Barbosa; Dinis, Nilson Fernandes.	Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes	Brasil 2018	Caderno Pagu	Estudo qualitativo
Silva, Anne Caroline Luz Grütner da; Coelho, Elza Berger Salema; Njaine, Kathie.	Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais.	Brasil 2014	Ciência & Saúde Coletiva	Estudo qualitativo

O homem como vítima de violência, nos textos analisados não é abordado na lógica das questões de gênero e na sua representatividade de diversas masculinidades. O avanço das políticas públicas na assistência a população masculina se deu com a instituição da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH) (Brasil,2008). Segundo Couto e Schraiber (2005), a partir dos anos noventa, principalmente nesse campo, se intensificam as discussões sobre a relação homem-violência, sobretudo motivadas pelos altos índices de mortalidade por violência entre homens jovens. Embora as políticas e ações públicas de assistência à saúde integral do homem tenham avançado, constatam-se dificuldades de acesso da população masculina aos serviços de saúde. Dessa forma, ao analisar pelo título e assunto dos artigos selecionados identificamos quatro variáveis para a categorização das violências estudadas, (1) Violência entre parceiros íntimos, a qual engloba-se violência doméstica e violência conjugal; (2) Violência, quando o artigo trabalha com a temática violência na sua complexidade não se restringindo a um tipo; (3) Violência e Adolescentes, quando é direcionado a trabalhos com jovens e adolescentes; e (4) Suicídio.

O gráfico 1 demonstra que a categorização temática nos artigos analisados a violência entre parceiros íntimos aparece como predominante em torno de 57%, seguida de 21,4% do tema violência; 14,3% apareceram com a temática da violência e adolescentes e 7,1% suicídio. Verifica-se, ao analisar os artigos o homem aparece na maior parte dos estudos sendo analisado no papel de autor da violência e no que se refere a violência entre parceiros íntimos. Os artigos selecionados trouxeram com muita propriedade as questões de gênero desde uma perspectiva relacional. As análises realizadas mostram que as questões advindas da masculinidade hegemônica, construídas socioculturalmente, aparecem como ponto central para ser discutido em qualquer intervenção que seja realizada com os autores de violência. Outro aspecto importante é como os papéis constituídos socioculturalmente de “o que é ser homem” influenciam para uma aprendizagem da violência, o “ser homem” traz consigo o papel de ser o responsável por ser o provedor; o que não fica doente; o que é o dominador, o forte; o distancia da relação do cuidado consigo e com os outros. Tais afirmações reafirmam a ideia de que os homens assumem muitos hábitos e comportamentos danosos à saúde em seu modo de se comportar e conduzir a vida, expondo-se mais a fatores de risco que geram adoecimentos.

Couto (2004, p. 32) destaca “[...] que a exacerbação dos comportamentos de risco pelo homem guarda ligação com o modo como ele se sente – mais próximo ou distante – do referente hegemônico de masculinidade”. Com isso, é possível afirmar que os referenciais identitários masculinos podem levar a agravos à saúde dos homens, em especial à saúde mental. As questões socioculturais da construção da masculinidade, acabam exigindo do homem comportamentos de risco, o que os fazem se expor mais, contribuindo para uma aproximação maior com as situações relacionadas a violência. Embora nas violências relativas às parceiras íntimas os homens sofram muito menos do que perpetrem, os dados mostram que eles se envolvem em muitas situações de violência, de grandes magnitudes e sobreposições, quer como vítimas ou agressores, reiterando estudos sobre masculinidade (Schraiber, et.al 2012).



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 1. Porcentagem das categorizações das violências encontradas nos artigos

Nos artigos selecionados, o tipo de violência que mais aparece traz a perspectiva relacional entre o homem autor de violência e a mulher como vítima caracterizada pela violência doméstica contra a mulher. Tal fato traz um contexto complexo de ser analisado, pois o autor da violência não se vê como o agressor e também coloca a relação de afeto e poder como uma justificativa de seus atos. Autores como Couto e Schraiber (2005, p.700) afirmam que a violência é utilizada muitas vezes como ferramenta para “... recolocar elementos associados à honra, autoridade e poder na relação, quando esta é questionada ou está em crise”. Em breves palavras, a violência é uma maneira de se reaproximar da masculinidade hegemônica e pode representar, diante de desvantagens sociais ou econômicas, outra forma de reiterar essa masculinidade. Por exemplo, homens das chamadas classes populares compensariam a sua marginalização socioeconômica por meio da exacerbação da virilidade e da agressividade.

É necessária uma quebra de paradigmas de que o homem para mostrar a sua virilidade, aspecto de muita importância para ele, têm a necessidade de ser o forte, o valente, o que precisa se colocar em situações de risco. Isso já é tão enraizado na cultura do masculino, que os autores de violência não se percebem como os praticantes de violência e acabam colocando a culpa no outro em relação a vitimização, esse aspecto é evidenciado em todos os artigos analisados onde o foco é o autor. Devido à complexidade de formulação de estratégias de prevenção com foco no homem, a leitura desses artigos encontrados com experiências de campo, evidencia a necessidade de estudos e trabalhos de ações mais exitosas no campo da saúde em relação a homens e violência e reflete

sobre alguns pontos importantes que precisam ser contextualizadas nessas estratégias.

Questões importantes nas conclusões dos artigos selecionadas que precisam ser destacadas ao se trabalhar com homens e violência foram:

- 1) Necessidade de envolver os homens jovens como protagonistas da construção de um olhar a partir de outras perspectivas do que é ser homem; reconstruindo novos sentidos para a desnaturalização da violência como pertença do masculino, construindo a possibilidade de ser homem numa perspectiva do cuidar de si e dos outros, tornando a vida e as relações mais saudáveis e com menos riscos (Nascimento EF et al, 2009).
- 2) Incluir nas ações de prevenção de violência doméstica não só a mulher agredida no caso a vítima, mas também seu parceiro, o autor da violência. Com isso, há como trabalhar os fatores que repercutem a produção da violência doméstica a partir de ambas as percepções, não atribuindo somente à mulher o papel de relatora do circuito de violência que se estabelece na relação do casal” (DEEKE, Leila Platt et al,2009)
- 3) Participar de grupo psicossocial possibilita mudanças na sua forma de se comportar e também construir outras formas de interpretação sobre uma relação. (Sant’Anna, T., & Penso, M. 2017).
- 4) Considera importante a construção de espaços criativos de conversa e troca entre os jovens sobre violência e namoro. Colocando como fundamental o investimento em prevenção e na criação de instrumentos que permitam aos jovens reconhecer, enfrentar e opor-se às diferentes formas de violência (Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. L. M,2011).
- 5) Ausência de políticas públicas de atenção a violência conjugal e poucas intervenções setoriais, a justiça fica com o papel de punir e coibir as agressões. Então, a saúde tem um papel importante na prevenção dessas violências e de suas consequências(Silva, Coelho e Njaine, 2014).
- 6) Embates sociais entre poder e resistência oportunizam a criação de formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculam o sujeito, dos discursos dominantes da biologia, da natureza, da normalidade e promovem significados de vida diferentes para o sujeito que vivencia esses momentos (Santos e Dinis, 2018).
- 7) É necessário dialogar com os homens e principalmente entre homens, para que haja uma ampliação de consciência acerca do desencontro entre suas experiências pessoais e as expectativas que orientam suas relações com mulheres, criando assim, espaços de socialização dos homens (Billand J, Paiva VSF, 2017).

As experiências de intervenção encontradas nos artigos trazem realizações de trabalhos em grupo em que se coloca o homem em exercícios de empatia, em situações de violência, além de trabalhar com as questões advindas do cuidado. Consideram que espaços em grupo que os homens possam externalizar os seus sentimentos e pensamentos, podem contribuir para a reflexão de expressão de várias masculinidades. Os homens mostram a violência em praticamente todas as suas relações sociais, mesmo não afirmando esse comportamento.

Considerações finais

Foram identificados poucos artigos cujo a temática fosse direcionada para a população masculina e com as características selecionadas por esse estudo para a inclusão na revisão. Dessa forma, parece que ainda é necessário aprofundamento teórico a respeito da relação do homem com a prevenção e principalmente quando são ações de violência.

Estes achados mostraram a importância de os serviços de saúde reconhecerem a violência como uma necessidade de saúde negligenciada, principalmente na atenção à saúde do homem, o que solicita o desenvolvimento de tecnologias leves para a intervenção sobre essas situações complexas, visando à diminuição do impacto dessas sobre a saúde mental. O entendimento da violência como um problema que também precisa ser trabalhado na saúde é fundamental para que as reflexões aconteçam de forma a alcançar todo o público que de fato é necessário ser percebido como sujeitos de uma atenção voltada para a prevenção. Os homens se distanciam do cuidado com a saúde desde cedo e isso dificulta a sua relação com a prevenção. E como trabalhar com a violência tem a sua complexidade e envolve mais do que o biológico, surge o foco em questões socioculturais acaba que os profissionais de saúde e gestores precisam estar sensibilizados para um olhar nessa perspectiva. Os dados de violência relacionados aos homens estão cada vez mais altos, o que mostra a necessidade de políticas de saudetrabalhar com enfoque na prevenção e promoção do cuidado. E todos esses aspectos destacados nesse estudo levam à constatação da necessidade de produções em outras áreas de conhecimento como a sociologia, educação, direito, entre outras.

Assim como também têm apontado diversos autores brasileiros já citados, torna-se importante aprofundar o conhecimento acerca do modo como os referenciais identitários de gênero ditam hábitos e comportamentos diferenciados para homens e mulheres, sobre o cuidado da saúde e de seus próprios corpos. Levando-se em conta as exigências da masculinidade hegemônica e as interações entre homens e violência, pode-se considerar tais exigências socioculturais como geradoras de "... comportamentos danosos à saúde, fazendo emergir fatores de risco importantes para o adoecimento" (Schraiber et al., 2005a, p.12), o que aumenta a vulnerabilidade na saúde dos homens. Uma das questões de maior importância, nesse sentido, é exatamente a dos agravos à saúde mental. O estudo destes, em associação com experimentar violências, tem sido bem apontado para as mulheres em pesquisas nacionais e internacionais (Ellsberg et al., 2008; Ludermir, 2008; Devries et al., 2011). Mas são escassos os estudos sobre homens no Brasil. A reflexão que os artigos trazem é que para trabalhar com a população masculina há uma necessidade de desconstrução do que é "ser homem", para a possível construção do exercício de várias formas de expressar a masculinidade, que não precisa estar vinculada a situações de risco. As estratégias de prevenção necessárias de serem trabalhadas como estratégicas diante dos pontos apresentados como importantes nesses artigos encontrados foram: os trabalhos em grupo, a sensibilização dos profissionais de saúde e gestores em trabalhar com os autores de violência na saúde, realizações de campanhas publicitárias focadas nessas temáticas e rodas de conversas com homens para a reflexão das questões das masculinidades. Identifica-se, ainda, que é necessário avançar muito em relação a estudos e experiências de trabalho com foco da violência na saúde, principalmente em relação a população masculina. Destaca-

seque as políticas públicas envolvidas nessa temática, principalmente a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, instituída pelo Ministério da Saúde, são essenciais para a formulação de ações estratégicas com maior impacto para a população masculina, visando trabalhar os homens em seus diferentes papéis na violência.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rejane Aparecida et al. Homens, vítimas e autores de violência: a corrosão do espaço público e a perda da condição humana. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 16, n. 43, p. 871-883, Dec. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832012000400002&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. Epub Dec 11, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832012005000049>.
- BILLAND, Jan; PAIVA, Vera Silvia Facciolla. Desconstruindo expectativas de gênero a partir de uma posição minoritária: como dialogar com homens autores de violência contra mulheres?. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 9, p. 2979-2988, Sept. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017002902979&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.13742016>.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Perfil da morbimortalidade masculina no Brasil [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018. 52 p. : il.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem : princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 92 p. : il. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes; NATIONS, Marilyn Kay; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. "Taca cachaça que ela libera": violência de gênero nas letras e festas de forró no Nordeste do Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, e00009317, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018000305010&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. Epub Mar 08, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00009317>.
- COSTA, Marta Cocco da; LOPES, Marta Julia Marques; SOARES, Joannie dos Santos Fachinelli. Violence against rural women: gender and health actions. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 162-168, Mar. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000100162&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.5935/1414-8145.20150022>
- DEEKE, Leila Platt et al. A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saudesoc.*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 248-258, June 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902009000200008&lng=en&nrm=iso>. access

- on 27 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000200008>.
- ERCOLE F.F.; Melo S.L.; Alcoforado C.G.L.C.; Revisão integrativa *versus* revisão sistemática. REME • Rev Min Enferm. 2014 jan/mar; 18(1): 1-260. <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v18n1a01.pdf>
- FIGUEIREDO WS. Assistência à saúde dos homens: um desafio para os serviços de atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2005;10(1):105-9.
- HARWELL, TS, Spence MR. Population Surveillance for Physical Violence Among Adult Men and Women, Montana, 1998. *American Journal of Preventive Medicine*. 2000;19(4):321-4.
- MARIA ROSA, Edinete et al. A VIOLÊNCIA QUE ATINGE ADOLESCENTES E JOVENS DE UMA REGIÃO DO ESPÍRITO SANTO. *Psicologia Argumento*, [S.l.], v. 32, n. 77, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19721/19045>>.
- MINAYO MCS. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*. 1994;10:07-18.
- MINAYO, MCS., ASSIS, SG., and NJAINE, K., orgs. É possível construir relações amorosas sem violência? In: *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 183-205. ISBN: 978-85-7541-385-2. Available from SciELO Books.
- NASCIMENTO, Elaine Ferreira do; GOMES, Romeu; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Souza. Violência é coisa de homem? A "naturalização" da violência nas falas de homens jovens. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1151-1157, Aug. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14131232009000400021&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000400021>.
- NASCIMENTO, Fernanda Sardelich; CORDEIRO, Rosineide de Lourdes Meira. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 516-525, Dec. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300009&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>.
- PAIXAO, Gilvânia Patrícia do Nascimento et al. A EXPERIÊNCIA DE PRISÃO PREVENTIVA POR VIOLÊNCIA CONJUGAL: O DISCURSO DE HOMENS. *Texto contexto - enferm.*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e3820016, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072018000200327&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. Epub June 21, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018003820016>.
- Pimenta. M.M. Masculinidades e sociabilidades: Compreendendo o envolvimento de jovens com violência e criminalidade. <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7239Dilemas>. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 7, n. 3 (jul./set. 2014), f. 701-730
- Reed E, Silverman JG, Welles SL, Santana MC, Missner SA, Raj A. Associations between Perceptions and Involvement in Neighborhood Violence and Intimate Partner Violence Perpetration among Urban, African American Men. *Journal of Community Health*. 2009; 34:328-335.
- ROSA, Antonio Gomes da et al. A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saudesoc.*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 152-160, Sept. 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300015&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902008000300015>.
- SANT'ANNA, Tatiana Camargo; PENSO, Maria Aparecida. A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 33, e33427, 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722017000100425&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Nov. 2018. Epub Mar 12, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33427>
- SANTOS, Welson Barbosa; DINIS, Nilson Fernandes. Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 52, e185218, 2018. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332018000100508&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Nov. 2018. Epub July 19, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/18094449201800520018>.
- SCHRAIBER LB, D'Oliveira AFPL, Falcão MTC, Figueiredo W. Violência dói e não é direito: a violência contra a mulher, a saúde e os direitos humanos. São Paulo: Editora UNESP, 2005b.
- SCHRAIBER LB, Gomes R, Couto, MT. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2005a;10(1):7-17.
- SCHRAIBER, LB et al. Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Rev. bras. epidemiol.* [online]. 2012, vol.15, n.4, pp.790-803. ISSN 1415-790X https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rbepid/v15n4/11.pdf
- SCHRAIBER; Oliveira e Couto. Violência e saúde: estudos científicos recentes. *Rev Saúde Pública* 2006;40(N Esp):112-20
- SILVA, Anne Caroline Luz Grüttner da; COELHO, Elza Berger Salema; NJAINE, Kathie. Violência conjugal: as controvérsias no relato dos parceiros íntimos em inquéritos policiais. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1255-1262, Apr. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401255&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.01202013>.